

OS CONTOS DE FADAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM¹

THE FAIRY TALES IN THE LEARNING PROCESS

Angela Link Saccol² e Patrícia do Amaral Comarú³

RESUMO

No presente trabalho de pesquisa, objetivou-se verificar qual a eficácia da utilização da hora do conto no processo de aprendizagem dos alunos, numa turma da Educação Infantil. Dentre os inúmeros autores, destacam-se como referenciais: Abramovich (2001), Barcellos e Neves (1995), Bettelheim (1980), Coelho (1990) e Carvalho (1987). A população pesquisada foi uma turma de Educação Infantil e a instrumentação básica, a narração de contos de fadas com atividade cênica. Foram encontradas, na fala dos alunos, algumas unidades ou passagens dos textos narrados, manifestando a compreensão, por parte das crianças, do que é real e o que não é, embora elas usassem essas passagens para expressar o que poderia acontecer. A hora do conto, na Educação Infantil, tem considerável importância na formação das atitudes da criança, visando emocionar e a instruir. Embora as atividades ligadas à literatura pareçam simples brincadeira ou passatempo são, na verdade, o marco inicial de uma cultura.

Palavras-chave: educação infantil, contos de fadas, aprendizagem.

ABSTRACT

This paper aims to verify the results of using fairy tales in the preschool learning of students. Among several authors, some are commonly referenced: Abramovich (2001), Barcellos and Neves (1995), Bettelheim (1980), Coelho (1990) and Carvalho (1987). The object of this study was a preschool class and the basic instrumentation was the fairy tales narrative with theatricalism. It was found, in the students conversation, some passages of the narrated texts. It showed the students comprehension of what is real and what is not real, although they used this passages

* Monografia de Especialização em Educação Infantil - UNIFRA.

** Aluna do Curso de Especialização em Educação Infantil - UNIFRA. e-mail: angelalinksaccol@yahoo.com.br

*** Orientadora – UNIFRA. e-mail: patcomaru@unifra.br

to express what could happen. The use of fairy tales, in the preschool education, has considerable importance in the child behavior aiming to instruct and to thrill. Although the literature seems to be a simple game but the beginning of a culture.

Key words: *preschool education, fairy tales, learning.*

INTRODUÇÃO

Os primeiros passos na formação moral, social e literária da criança são as histórias infantis. Elas estão demonstradas, na linguagem oral e escrita, por meio das tradições e anseios de um povo, na trajetória do seu desenvolvimento.

Sabe-se que o conto é uma forma muito antiga de narração, de contar e ouvir histórias. Sua origem se perde no tempo. Por conseguinte, não se pode determinar e demonstrar sua origem exata. Ele nasceu do povo e foi feito para ele (CARVALHO, 1987).

Atualmente, inúmeros autores abordam o tema em questão. Registra-se, assim, Abramovich (2001) que ressalta que a hora do conto é de grande importância para o desenvolvimento da criança e ainda que este possibilita o trânsito entre a realidade a fantasia. Também, Barcellos e Neves (1995) afirmam que, além da atividade educativa, a história ajuda a criança a desenvolver seu intelecto, sua realidade, vocabulário e inúmeras outras competências.

Dessa forma, o problema a que se propõe esta pesquisa é a busca de respostas para: qual a eficácia da utilização da hora do conto no processo de aprendizagem dos alunos, em uma turma da Educação Infantil?

A escolha desse tema deve-se ao fato de que a leitura de um livro põe em movimento a fantasia, a capacidade de ver as coisas e seres que não se podem enxergar com os olhos. Além disso, atíça a imaginação, desenvolve a percepção, favorece o crescimento de hábitos, habilidades e atitudes.

Considera-se, portanto, esta pesquisa sob o paradigma empírico analítico, do tipo experimental, o qual, segundo Gamboa (1989), caracteriza-se na busca da modificação de conceitos, comportamentos e atitudes referentes à narração de histórias infantis.

A população pesquisada foi uma turma da Educação Infantil (Pré I), composta por 14 alunos. O procedimento para a escolha da amostragem foi feita de forma aleatória entre as escolas privadas, que atendem apenas ao público infantil (0 a 6 anos de idade).

Para a realização do projeto, a instrumentação básica foi a narração de contos de fadas, que são obras clássicas da literatura infantil, por meio do teatro com fantoches, a partir de dez histórias infantis: “Chapeuzinho

Vermelho”; “O Patinho feio”; “A Bela e a Fera”; “Cinderela”; “Branca de Neve e os Sete Anões”; “João e o Pé de Feijão”; “Rapunzel”; “A Bela Adormecida”; “Os Três Porquinhos” e “João e Maria”. As histórias escolhidas apresentaram, segundo Coelho (1990), uma introdução, localizando a história no tempo e no espaço e a apresentação dos personagens, a sucessão de episódios, conflitos e ações dos personagens, clímax e, por fim, o desfecho final. Por conseguinte, os aspectos observados foram a localização, na fala das crianças, de unidades dos textos apresentados, a aquisição de valores transmitidos pelos textos, além do seu comportamento e atitude.

Após a narração, os alunos manipularam os fantoches, fazendo uma reelaboração da história, utilizando o vocabulário apreendido. Levou-se em consideração, ainda, as atitudes e comportamentos dos alunos após a narração de cada história, assim como as unidades dos textos, encontradas nas falas dos alunos durante o período de observação.

A fantasia ajuda a compreender muitas coisas pois, sem ela, isso não seria possível. É por isso que se precisa cuidar para que as crianças tenham sempre possibilidades de ler ou ouvir histórias, adquirindo o gosto pela leitura.

Ninguém pode negar o quão excitante, divertido e belo existe dentro da capa de um livro. Ainda mais que seu conteúdo, além do prazer que oferece, sempre traz informações e conhecimentos gerais. Assim, vemos a importância de contar histórias e o cuidado que é necessário ter ao se oferecer um livro para a criança.

A magia e a sabedoria que a pessoa encontra na leitura, desde os primeiros anos de idade, lhe irão valer pelo resto da vida, cada vez mais e com maior intensidade. Ao professor, então, tanto na seleção dos livros, como na orientação sobre o assunto que dá aos pais, cabe a maior responsabilidade, que é a de levar a criança a dizer que “é gostoso ler...”.

REFERENCIAL TEÓRICO

Um dos autores, que embasam o presente trabalho é Bettelheim (1980) com uma de suas obras denominadas ‘A Psicanálise dos Contos de Fadas’, na qual ele esclarece porque os contos de fadas são tão significativos para as crianças, ajudando-as a lidar com os problemas psicológicos do crescimento e da integração de suas personalidades.

Salienta ainda que, para que a história prenda a atenção da criança, é necessário que seja interessante, que desperte sua curiosidade, estimule sua imaginação, emocione e que reconheça suas dificuldades, ao mesmo tempo em que sugere soluções para os problemas que perturbam a criança.

Mais adiante, Bettelheim (1980) comenta que, com o passar dos séculos quando eram recontados os contos de fadas, esses se tornaram mais refinados e começaram a transmitir significados manifestos encobertos: ilustram que a luta contra dificuldades na vida é inevitável, mas, nem por isso, devemos nos amedrontar com as injustiças que surgem.

Já, as histórias modernas evitam esses problemas existenciais, pois não mencionam questões como a morte, envelhecimento, vida eterna, etc.. E acrescenta: “o conto de fadas, em contraste, confronta a criança honestamente com os predicamentos humanos básicos” (p.15).

O conto de fadas propicia que a criança adeqüe o conteúdo inconsciente às fantasias conscientes, ou seja, oferecem novas dimensões à imaginação que ela não consegue descobrir por si só.

No entanto, fingir que o lado escuro dos homens não existe é impossível. A própria psicanálise surgiu, para que o homem aceite sua natureza problemática da vida sem ser derrotado por ela. É necessário, além de importante, que a criança compreenda a ambigüidade do ser humano e, assim, entenda as diferenças existentes entre as pessoas. Bettelheim (1980) afirma, inclusive, que

a crença prevalecente nos pais é que a criança deve ser distraída do que mais a perturba: suas ansiedades amorfas e inomináveis, suas fantasias caóticas, raivosas e menos violentas. Muitos pais acreditam que só a realidade consciente ou imagens agradáveis e otimistas deveriam ser apresentadas à criança – que ela só deveria se expor ao lado agradável das coisas (p.17).

Outra questão, muito enfatizada na obra, refere-se ao personagem. A criança faz sua escolha baseado no personagem que desperta sua simpatia ou sua antipatia. Quanto mais claro e simples é o personagem, mais fácil para a criança identificar-se com ele e negar o outro. “a criança se identifica com o bom herói não por causa de sua bondade, mas porque a condição de herói lhe traz um profundo apelo positivo”(p.18).

O objetivo essencial dos contos de fadas é o de ser orientador para o futuro, pois guia no sentido de que ela possa entender sua mente inconsciente e consciente, desfazendo-se dos desejos de dependência infantil e conseguir uma existência mais satisfatoriamente independente.

Por isso, que, se as crianças forem questionadas sobre seus contos prediletos, raramente ela escolhe um conto moderno, visto que esses têm finais tristes e não conseguem prover o escape e o consolo que se faz necessário para incentivar a criança para defrontar as intempéries da vida.

Para atingir seus significados interpessoais e simbólicos, o conto de

fadas deve ser contado em vez de lido. “Se ele é lido, deve ser lido com um envolvimento emocional na estória e na criança, com empatia pelo que a estória pode significar para ela. Contar é preferível a ler porque permite uma maior flexibilidade” (p.185).

Também, não se podem explicar os significados dos contos para as crianças. Ao adulto cabe selecionar as histórias apropriadas ao nível de desenvolvimento da criança e às dificuldades específicas com que ela se encontra no momento. Bettelheim finaliza, afirmando que “a compreensão do narrador sobre os níveis de significado da história facilita à criança extrair pistas dessas histórias para entender melhor a si própria” (p.190).

Destaca-se, também, Abramovich (2001), com sua obra ‘Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices’, em que ela destaca a importância e a necessidade de partilhar experiências de leitura, de falar da relação carinhosa entre leitor e certos textos que às vezes acontece e, em especial, do prazer de ler.

Salienta a importância de ouvir histórias para a formação de qualquer criança, pois é o início de sua aprendizagem, das descobertas e compreensão do mundo. É por meio da leitura que a criança suscita o imaginário, encontra idéias para resolver problemas, identifica-se com personagens e esclarece as próprias dificuldades ou mesmo encontra caminhos para solucioná-las. A autora complementa essa questão, afirmando que

é ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a ansiedade, a tranquilidade, e tantas outras mais, e ver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve (p.17).

Abramovich (2001) afirma ainda que é necessário saber como contar uma história e estar familiarizado com ela, pois sempre surgem palavras novas, aparece a sonoridade das frases, dos nomes; ritmos fluindo como canções, jogos de palavras. Antes de ser lido para as crianças, o livro precisa ter sido lido pelo narrador, porque esse deve transmitir segurança, chamar a atenção e despertar o interesse da criança para a história.

É de fundamental importância que o professor da educação infantil conte histórias para seus alunos. Ouvir histórias estimula o desenho, a música, o pensar, imaginar, o querer ouvir novamente, agir como o personagem e muitas outras atividades prazerosas. Elizagaray (apud ABRAMOVICH, 2001, p.23), lembra: “não devíamos esquecer nunca que o destino da narração de contos é o de ensinar a criança a escutar, a pensar e a ver com os olhos da imaginação”. Além disso, é um momento de divertimento, de sedução, que é significativo e fica na memória de cada criança.

Uma questão que deve ser destacada refere-se ao caráter informativo da literatura: querer saber sobre o processo que acontece do nascimento até a morte, faz parte da curiosidade natural da criança, pois se refere a vida em geral e da sua própria. Saber sobre seu corpo, discutir relações familiares, aflições, dificuldades, dúvidas, estão relacionadas com as interrogações de qualquer ser humano, independente da idade.

Abramovich (2001) afirma que a questão é saber como o tema é abordado, se sem medo, sem fugir das principais questões ou se cheio de evasivas, explicações confusas. Complementa, salientando que: “a criança, dependendo do seu momento, de sua experiência, de sua vivência, de suas dúvidas, pode estar interessada em ler sobre qualquer assunto” (p.98). O que não faz sentido é abordar uma situação de modo superficial.

Ainda com relação aos contos de fadas, a autora esclarece que esses contos, por tratarem da sabedoria popular, são conteúdos essenciais da condição humana, pois, além de envolverem a fantasia, a imaginação, partem de uma situação real, lidando com emoções que qualquer criança já viveu. Seus personagens são simples, vivem diferentes situações, buscam respostas e, em especial, chamam a criança para participar da história. Todo esse processo é baseado no imaginário, com intervenção de entidades fantásticas (bruxas, fadas, plantas sábias, animais falantes, etc.).

Abramovich (2001) salienta que cada elemento do conto de fadas tem seu papel importante e, se retirado ou atenuado, impede que a criança compreenda o conto por inteiro. Se o adulto não tiver condições emocionais para contar uma história toda (com todos os elementos, angústia, crueldade que faz parte da vida) é melhor não contá-lo. Ou esperar o momento em que esteja preparado para fazê-lo. E acrescenta: “de qualquer modo, ou se respeita a integridade, a inteireza, a totalidade da narrativa, ou se muda de história...” (p.121).

Outras autoras, que consideram a hora do conto de grande importância para o desenvolvimento integral das crianças, são Barcellos e Neves (1995), com a obra ‘Hora do conto: da fantasia ao prazer de ler’, enfatizando que a hora do conto é uma forma de ativação cultural essencial, em termos de incentivo à leitura.

Embora, atualmente, existam vários recursos para envolver e distrair as crianças, como Dvds, variados livros de literatura infantil e juvenil, teatros, televisão, é a palavra que emociona que instiga a imaginação da criança. E completam:

a força da palavra (...) é tão grande que a criança e o narrador caminham, de mãos dadas com o autor, através do enredo, unidos pela mesma relação de afetividade e sensibilidade, subtraindo-se do ambiente real e penetrando no mundo da fantasia (p.11).

Dentre os inúmeros gêneros de narrativas, os contos de fadas estão entre as mais antigas histórias, pois surgiram da imaginação de um povo e foram transmitidas oralmente. Da mesma forma que as fábulas e poesias, são de grande importância para o público infantil.

Para Barcellos e Neves (1995), a história é uma ferramenta essencial para o imaginário infantil, pois a criança possui um mundo próprio habitado de sonhos e fantasias, embora convivendo conosco. Completam, apontando que “a hora do conto, através da narração de histórias, da participação da criança nas mesmas, possibilita o trânsito entre a fantasia e a realidade” (p.17).

A hora do conto, como fator de desenvolvimento, possibilita que as crianças estabeleçam ligações entre a realidade e a fantasia, sintam-se instigadas em buscar soluções para a situação vivenciada pelo personagem, ampliem suas experiências e conhecimento de mundo, desenvolvam a capacidade de dar seqüência lógica aos fatos e inúmeras outras.

Para que se obtenha sucesso durante a hora do conto, é necessário ter atenção em três aspectos: as habilidades do narrador, o preparo do ambiente e a preparação dos ouvintes. Além do conhecimento da história, o contador deverá ser capaz de assimilar os seus elementos e transmiti-los bem, usando, para isso, linguagem acessível, modulando a voz conforme os acontecimentos, emitir as palavras corretamente, provocar emoção e criar um desfecho poético, que deixa uma sensação de beleza para as crianças nas horas seguintes.

Com relação ao ambiente para narração, pode se constituir num recanto da sala de aula ou biblioteca, praça, parque, pátio ou outro local. Se o ambiente escolhido for a sala, por exemplo, formar um círculo, de modo que todos possam ver e participar de forma mais integrada. Na preparação dos ouvintes, leva-se em consideração o estímulo aos sentidos das crianças, a fim de ser alcançada maior interação e participação do grupo, como exercícios de audição, visão e tato.

Barcellos e Neves (1995) referindo-se à duração da história, assim reforçam: “a história, propriamente dita, não deve ultrapassar 15 ou 20 minutos. Além deste período, corre-se o risco da perda da atenção e a conseqüente dispersão mental do ouvinte” (p. 28). Completam, afirmando que a narração da história deve ser controlada, de maneira que não fique tão curta, deixando a sensação de falta, nem tão longa, permitindo que as crianças percam a atenção, pois o momento da narração deve se constituir em um momento mágico, tanto para ouvintes como narrador.

Depois que história é contada, inúmeras atividades podem ser realizadas para encorajar as crianças a dizerem se gostaram da história e oportunizar a expressão de seus sentimentos. Entretanto, como destacam

Barcellos e Neves (1995), essas atividades

deverão sempre ter um caráter recreativo, a fim de que os participantes não sintam como uma cobrança daquilo que foi ouvido, permitindo, em consequência, que a hora do conto seja lembrada como algo agradável, pleno de surpresas boas (p. 35/6).

Segundo as autoras, existem inúmeros recursos que facilitam a narração de histórias e que, mesmo assim, não dispensam o narrador de uma seleção criteriosa da história e do preparo da sessão da hora do conto. Alguns desses recursos são: narrativa simples, narrativa com livro, narrativa com interferência do narrador ou do ouvinte e narrativa com recursos visuais. Recursos que necessitam do estudo da história e a escolha da modalidade de narração, levando-se em conta a idade das crianças e o local em que a sessão será realizada.

Para compor essa lista de autores, Coelho (1990), na obra ‘Contar histórias? Uma arte sem idade’, esboça os passos que o narrador deve caminhar para contar histórias, que vão desde a escolha da história, seu estudo, narração até exemplos de atividades a partir da história.

A referida autora comenta que, como toda arte possui segredos e técnicas, a arte de contar histórias também, porque mexe com uma matéria-prima muito especial, a palavra que, de certa maneira inata, pode ser desenvolvida, cultivada, desde que se goste de crianças e se reconheça a importância da história para elas. Ressalta, também, que

a história é importante alimento da imaginação. Permite a auto-identificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos, acenando com a esperança. Agrada a todos, de modo geral, sem distinção de idade, de classe social, de circunstância de vida (COELHO, 1990, p.12).

Segundo a referida autora, a história deve despertar a sensibilidade, a emoção, para que a contemos com sucesso, pois “a história é o mesmo que um quadro artístico ou uma bonita peça musical: não podemos descrevê-los ou executá-los bem se não os apreciarmos” (p.14).

De forma semelhante a Barcellos e Neves (1995), Coelho (1990) também apresenta um capítulo especial com as formas de apresentação das histórias para as crianças. A saber: simples narrativa, narrativa com o livro, com gravuras, flanelógrafo e a interferência do narrador e dos ouvintes – essas formas de apresentação não serão comentadas nesta revisão de literatura, pois, na metodologia, apresentaremos somente a escolhida para a elaboração da monografia. Para cada situação escolhida, existem inúmeros recursos. Essas formas devem ser alternadas e definidas, dependendo do local e das circunstâncias.

À medida que se sabe a história a contar, é importante conversar antes com as crianças. Se for narrar uma história de gatos, pergunta-se antes quem tem um gatinho, o nome, a cor, como se alimenta, etc.. “Essa conversa não deve ser longa, só o tempo necessário para que as crianças se predisponham a escutar a história” (p.47). Em qualquer tipo de história, deve-se permitir que a criança fale sobre sua própria vivência, relacionada com o texto, pois possibilita ao narrador conhecer melhor as crianças e estabelecer empatias indispensáveis.

Mais adiante, a autora comenta que a conversa, após a leitura, é muito importante e prazerosa para as crianças, pois pode conduzir a novas leituras da história, dos personagens, a uma compreensão mais nítida e esclarecedora. Ela ressalta: “comentar não significa propor questões interpretativas e muito menos destacar a mensagem contida na história. A criança por si só percebe essa mensagem e a revela nas colocações que faz” (p.57). Os comentários devem ser oportunos, interessantes, engraçados, para que o narrador apreenda a realidade da criança e possa ajudá-la.

Percebe-se que o desenvolvimento do interesse pela leitura ocorre num processo constante e gradativo, que deveria iniciar com a família e ser reforçado na escola. Tendo ciência, entretanto, das dificuldades de caráter universal que as pessoas enfrentam ao longo da vida para se aproximarem dos livros, pensa-se que é grande a responsabilidade da escola na formação do leitor permanente. A ela não cabe somente ensinar a ler, mas oferecer ao aluno, por meio da leitura, uma possibilidade de melhor compreender seu universo, uma postura crítica de sua realidade.

É necessário propiciar às crianças a aproximação de textos literários que lhes preservem o direito de pensar outras formas de mundo, de pensar mil possibilidades de respostas. Sabe-se que o texto verdadeiramente literário não possui obrigatoriamente comprometimento com aspectos morais ou pedagógicos. A ele compete abrir espaços, mostrar caminhos. Caminhos esses, que podem ser claramente visíveis na diversidade de posicionamentos apresentados pelas crianças, quando uma obra é debatida.

CONCLUSÕES

Durante a hora do conto, foi possível observar a ansiedade pelo que estava para acontecer por parte de algumas crianças, visto que as histórias já eram conhecidas por eles. Além da ansiedade, destaca-se também o alívio e tranqüilidade, já no final da narrativa, quando o personagem principal vence e o lobo, ou a bruxa, eram derrotados.

Conforme a história era narrada, as crianças se movimentavam pela

sala, ficando cada vez mais perto do palco e dos personagens.

Registraram-se, durante as atividades a partir da narrativa, comentários e apreciações, por parte dos alunos, a respeito da história, enfatizando a importância de escutar os adultos, associando a fantasia da história com a realidade cotidiana das crianças.

Por conseguinte, foram encontradas, na fala das crianças, algumas unidades ou passagens dos textos narrados na hora do conto, manifestando a compreensão, por parte das crianças, do que é real e o que não é, embora elas usassem essas passagens para expressar o que poderia acontecer.

Por exemplo: certo dia os alunos estavam na pracinha, depois das atividades, a partir da narrativa e algumas meninas brincavam de “casinha” (a mãe preparava o almoço para as três filhas). De repente ela disse: “- Filhas, eu vou ao mercado buscar farinha, e vocês não abram a porta pra ninguém.”: Uma das filhas respondeu: “- Claro mãe, pode aparecer uma bruxa vestida de velhinha boa e dar para gente uma maçã envenenada.” Demonstra-se, portanto, uma passagem representativa da história “Branca de Neve e os Sete Anões”.

À medida que as histórias eram narradas, as unidades dos textos eram mais evidentes nas falas dos alunos. A seguir, alguns exemplos:

“- Vem Luana, vamos apanhar flores no bosque!” E a outra aluna respondeu: “- Não, volta aqui, pode aparecer a Fera e te levar pra casa dela.”

“- Se tu não comer tudo, vai ficar magrinho e terás que vender tuas coisas, pra conseguir dinheiro!”, disse uma aluna para o seu colega, em uma tarde, após a história “João e o Pé de Feijão”.

“(...) e então, faz-de-conta que eu morri e tu és o príncipe, que vem me beijar e daí eu acordo.”. Quando alguns alunos brincavam de “casinha”, já no final da tarde.

Dentre essas, muitas outras passagens foram detectadas nas falas dos alunos, uma vez que era uma atividade esperada com muita expectativa, tanto para eles, como para o narrador. Os contos de fadas favorecem o desenvolvimento da personalidade da criança, oferecem significados para cada nível do processo evolutivo e contribuem para o crescimento interno da criança, de forma positiva e prazerosa.

Assim, é do conhecimento de todos que não existe igualdade entre os leitores: cada um possui bagagem diferenciada de formação cultural e, dessa forma, torna-se relevante a observação, por parte do professor, dos interesses dos alunos.

Na prática da literatura infantil, o que deve existir é conhecimento e gosto do professor, aliado a um espírito criativo. Cada professor é

conhecedor da sua realidade, do seu aluno e, por isso mesmo, deverá encontrar meios para desenvolver a sensibilidade literária.

Na faixa etária pré-escolar, a criança tem muita curiosidade em relação ao mundo que a cerca, por isso, deve-se apresentar uma literatura com vocabulário familiar, cheio de rimas e repetições, histórias curtas, enredos simples, histórias que façam parte do ambiente da criança, que personifiquem seres inanimados, por temas que abordem situações cotidianas, por meio de personagens que se ajuste a situações novas e difíceis.

Como se pôde observar, a hora do conto, na Educação Infantil, tem considerável importância na formação das atitudes da criança, visando a emocionar e a instruir. Para que se tenham bons resultados, é necessário que, tanto na família quanto na escola, seja estimulado o hábito da leitura ou o de contar histórias.

Importante também é que além de escutar, a criança entenda a história e, por isso, o vocabulário deve ser de acordo com sua faixa etária e seus interesses. A compreensão e aceitação de idéias por parte do leitor e do ouvinte dependem muito de sua experiência (leitor), de sua capacidade de lembrar, de estabelecer relações e fazer comparações. Por isso, a necessidade da pesquisa na hora da aquisição de um livro ou na seleção da história.

A literatura é essencial na vida da criança, porque ajuda no crescimento intelectual e é fonte de inesgotável divertimento e prazer. Cabe, pois, ao professor, estimular o gosto pela leitura e prover as crianças com livros bons, acessíveis ao seu grau de desenvolvimento. Embora as atividades literatura pareçam simples brincadeira ou passatempo é, na verdade, o marco inicial de uma cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 2001.

BARCELLOS, Gládis M. F.; NEVES, Iara C. B. **Hora do conto**: da fantasia ao prazer de ler. Porto Alegre: Sagra – D.C. Luzzato, 1995.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **A literatura infantil**: visão histórica e crítica. 5.ed. São Paulo: Global, 1987.

COELHO, Betty. **Contar histórias**: uma arte sem idade. São Paulo: Ática,

1990.

GAMBOA, Silvio Sanchez. A dialética na pesquisa em educação: elementos de contexto. In: FAZENDA, Ivani. **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1989.